

O MANIFESTO DA TRANSDISCIPLINARIDADE, POR BASARAB NICOLESCU: UM BREVE RESUMO ¹

SALVADOR / DEZ / 2003

Sheila Santos Cunha ²

O texto abaixo objetiva constituir-se num resumo do livro **O MANIFESTO DA TRANSDISCIPLINARIDADE**, de Basarab Nicolescu. De forma muito instigante o autor divide o livro em vinte tópicos, permeados por exemplificações de cunho físico-matemático, área legítima de Nicolescu. Colaborador de atividades transdisciplinares, como o CIRET (Paris) e a Carta da Transdisciplinaridade (Portugal, 1994) – em anexo ao livro – realizada em parceria com Lima Freitas e Edgar Morin, Nicolescu inicia por esclarecer o sentido que pretende alcançar com o termo transdisciplinaridade, que vem a ser, como ele próprio o define, uma “transgressão das fronteiras entre as disciplinas”, diferenciando-o da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade. O transdisciplinar deve ser entendido, pois, como em transição a outras disciplinas.

Na busca por respostas referentes à falta de unidade do conhecimento, o autor remete-se às revoluções quântica e informática que, ao trazerem o crescimento dos saberes, anularam, de certa forma, o sentido individual e social da existência. Levando em consideração os chamados postulados fundamentais da ciência moderna (leis universais e suas respectivas descobertas pela ciência, além da reprodução de dados experimentais de maneira ideal), Nicolescu demonstra que o cientismo, em nome da verdade absoluta que o permeava, transformou o homem em objeto de experiências e explorações, limitando a realidade que o cerca a um único nível. Nesse sentido, a revolução quântica coloca em xeque a noção de Realidade em contraponto à abstração, sendo, em verdade, esta um dos componentes daquela.

Caminhando no sentido da verificação da lógica na ciência, Nicolescu diz que a lógica é a própria ciência que objetiva o estudo das normas da verdade. E vai além quando indica que “sem norma, não há ordem” e que a regulação social existe em função da lógica que a determina. Essa lógica, portanto, é considerada passível de alterações pelo autor que defende, ainda, a conciliação das chamadas lógica do terceiro incluído e do terceiro excluído.

No sexto tópico abordado, o autor relata o surgimento da complexidade a partir das pesquisas que resultaram no nascimento de inúmeras disciplinas. Se antes a Física dominava a base de estudos e articulava tantas outras áreas vê-se, com o parcelamento do universo disciplinar, um estreitamento dos campos gerando a falta de interação interna. Nicolescu explica também que essa grande expansão tem como pressuposto básico a busca da eficácia pela eficácia, na qual os valores são descartados. No entanto, uma nova forma de ver o mundo é atingida com

¹ NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Coleção Trans. 2001. 120p.

² Graduanda em Administração pela UFBA. Bolsista de Iniciação Científica pela Fapesb junto ao Nêpol – Núcleo de Pesquisas sobre Poder e Organizações Locais. sheilacunha@yahoo.com.br; sheilac@ufba.br.

esse aprofundamento do universo exterior, sendo o próprio indivíduo parte fundamental dessa cadeia ao mesmo tempo complexa e simples.

Dessa forma é lançada pelo autor a possível solução para a adaptação do indivíduo aos saberes e aos novos conhecimentos vivenciados, evitando-se o declínio da civilização: a *transdisciplinaridade*, que vem a ser exatamente o objeto do manifesto em questão. E continua relatando as limitações de se ter conhecimento total e pleno sobre todas as disciplinas obtendo-se, no máximo, uma “incompetência generalizada”.

A necessidade, pois, de ligar as diversas disciplinas gerou o surgimento da *pluridisciplinaridade*, que é o estudo de uma dada disciplina na visão de outras, e da *interdisciplinaridade*, onde transferem-se os métodos adotados por uma disciplina a outra. Contudo, apesar de pretenderem ultrapassar as disciplinas, as finalidades permanecem limitadas à pesquisa disciplinar.

Com a *transdisciplinaridade* o autor propõe estar-se, ao mesmo tempo no campo disciplinar, entre as diversas disciplinas e ir além delas, procurando-se a compreensão por meio da unidade do conhecimento, formado pela inter, pluri, dis e transdisciplinaridade, o que ultrapassa o pensamento clássico. A transdisciplinaridade vem, então, complementar a pesquisa pluri e interdisciplinar de modo a abarcar os vários níveis de realidade (multidimensional) tendo, além desta característica, a lógica do terceiro incluído e a complexidade como sustentáculos da sua metodologia de pesquisa.

Buscando respostas para a existência de uma unidade de ligação entre os diversos níveis de Realidade, bem como a natureza que estrutura a passagem de um nível a outro, Nicolescu concentra suas atenções no terceiro incluído. Conclui que o teorema de Gödel (voltado à física-matemática) juntamente com a lógica do terceiro incluído implicam a impossibilidade de uma teoria física completa e que, na existência de uma unidade interlocutora entre os níveis de realidade, esta deve ser necessariamente *aberta*, considerando-se uma *zona de não-resistência*.

E segue afirmando que o *Objeto* transdisciplinar é formado pelo conjunto dos níveis de Realidade e sua zona complementar de não-resistência. Para a transdisciplinaridade, então, a pluralidade complexa e a unidade aberta fazem parte da mesma Realidade. Esta, por sua vez, é envolvida por um Princípio de Relatividade, com vários níveis de percepção. Daí tem-se o *Sujeito* transdisciplinar, constituído pelos níveis de percepção e sua zona complementar de não-resistência. Para a comunicação efetiva entre Objeto e Sujeito, as zonas de não-resistência devem ser idênticas, propiciando um fluxo de informação nos níveis de Realidade correspondente a um fluxo de consciência nos níveis de percepção.

Nicolescu dá prosseguimento a sua explanação articulando as “mortes” oriundas da modernidade e a diversidade de imagens da Natureza, a qual ele distingue em três etapas: A Natureza mágica (interdependência universal); a natureza-máquina (independente do homem) e a morte da Natureza (consequência da visão mecanicista – processo que Max Weber chama de “desencantamento do mundo”). O autor aborda a necessidade da ressurreição da Natureza e propõe três aspectos

para o seu modelo transdisciplinar: natureza objetiva, interligada ao Objeto transdisciplinar; natureza subjetiva, vinculada ao Sujeito transdisciplinar e a trans-natureza, que compõe o campo do sagrado numa ligação entre Objeto e Sujeito transdisciplinares. Afirma, ao final do tópico, que a Natureza tanto pode ser estudada pelo indivíduo por meio da ciência, como pode ser contemplada de forma independente ao homem.

Relacionando níveis de Realidade e níveis de percepção, Nicolescu afirma que deve-se proporcionar um equilíbrio entre as “facetas da realidade”: Sujeito, Objeto e sagrado, afim de que a sociedade seja viabilizada. Essa integração harmonizadora, pois, diferentes *níveis de compreensão* podendo gerar a evolução do homem moderno. Seria, de forma mais esclarecedora, a convivência pacífica entre universo exterior e autoconhecimento humano, o que implicaria uma dupla transcendência (exterior e interior), base da nossa liberdade. Esse *homo sui transcendentalis*, como sugere Nicolescu, “é um homem que nasce de novo”, transgredindo para o alcance da liberdade ilimitada, de forma consciente, tolerante e amável.

O autor indica que esse *homo sui transcendentalis* inicia sua aventura com a própria descoberta do mundo quântico e da navegação cibernética, transpondo os limites do seu corpo e cérebro, criando o que Nicolescu chamou de *Espaço-Tempo Cibernético* – ETC – para nomear o espaço informático que envolve a Terra. E faz indagações acerca da natureza desse espaço quanto as suas dimensões, seu papel na história da humanidade e suas possibilidades como mais um nível de Realidade. Afirma, pois, que o ETC tem o duplo aspecto natural-artificial, tendo natureza material e capacidade de interação real-imaginária, possuindo um número dimensional diferente de quatro. Além disso o ETC tem forte interação na vida humana, compondo-se num espaço de *escolha* para o indivíduo, gerando eras binárias: a dos *comerciantes* (aldeia global) e a dos *caminhantes* (aldeia das aldeias), podendo essas conviverem sem oposição.

Nicolescu dá continuidade ao aspecto humano, relacionando efetividade (níveis de Realidade) e afetividade (níveis de percepção), numa necessária harmonização entre o Sujeito e o Objeto como um dos desafios atuais para o homem. A dissolução da sociabilidade, criada a partir da degradação dos laços sociais, não é nada além de um sintoma da autodestruição humana. Embora “a morte do homem” tenha esse lado perverso, o autor sinaliza para o autonascimento do homem, como etapa necessária ao crescimento interior, num equilíbrio entre a masculinidade e a feminilidade do mundo. A *atitude transdisciplinar* paira, pois, sobre a busca de pontes (novos laços sociais) e é embasada por uma revolução da inteligência com vistas à dimensão poética da existência.

De acordo com a citada masculinização do mundo, o autor aponta para o culto da personalidade como forte vertente desse aspecto, alertando para a crescente dissociação da vida individual e social em função das inúmeras “máscaras” e personalidades criadas. As relações baseadas no consumo, fruto da sociedade calcada na efetividade, acabam por alimentar o culto da personalidade e solidificar a *confusão dos lugares*, ou seja, a inconformidade entre o ser interior e o ser exterior.

Abordando sobre o homem da ciência, Nicolescu afirma que este, seguindo pressões da Realidade, é obrigado a assumir contrariamente à sua vontade, o papel de um ser detentor da verdade máxima, do rigor e da objetividade, num dos efeitos da ruptura entre Ciência e cultura, paralelamente à “morte do homem”. Esse afastamento trouxe consigo a distinção reducionista entre as ciências exatas e as humanas, numa fragmentação dos valores dos cientistas e humanistas. Ultimamente, no entanto, vê-se uma nova análise das culturas humanista e científica, na busca por um novo diálogo entre elas (ciência e arte). Nesse encontro entre diferentes níveis de Realidade e de percepção geram-se os diferentes níveis de *representação*, em verdade, a unificação aberta entre as duas culturas.

Nicolescu no tópico sobre transculturalidade nos relata sobre a singularidade de cada cultura, indicando que estas “nasceram do *silêncio* entre as palavras e este silêncio é intraduzível”, produzindo, hoje, o paradigma da abertura e do fechamento entre as diversas culturas. O mito da separação entre Ocidente (efetividade, ciência da Natureza) e Oriente (afetividade, ciência do ser humano) é relatado pelo autor como desestabilizador, porém passível de harmonização. Como “nenhuma cultura constitui lugar privilegiado a partir do qual possamos julgar as outras culturas”, o autor afirma ser necessária a *trans-linguagem*, que permite o diálogo entre todas as culturas sem, contudo, promover a sua homogeneização. Nicolescu indica, ainda, que o centro do transcultural é problematizado pelo tempo, sempre pensado no passado ou no futuro, fazendo parte do Objeto. O campo que liga o Sujeito e o Objeto é, pois, o tempo vivo, o tempo presente, ponto de partida para o passado e para o futuro.

Dessa forma, o autor prossegue lançando as bases para o surgimento das grandes mudanças da história e da cultura e, por conseguinte, do próprio aspecto transdisciplinar. Relata que o *desvio* é a força-motriz para essas mudanças e desencadeamento do triunfo de novas normas. A transdisciplinaridade, por sua vez, agindo de acordo com a noção de equilíbrio entre interioridade e exterioridade do ser humano se constitui também num desvio, passível de sucesso. No entanto, encontra as chamadas *derivas* (obstáculos), como os *níveis de confusão*: esquecimento da descontinuidade dos níveis de Realidade e dos níveis de percepção; redução arbitrária de todos os níveis de percepção a um único; reconhecimento de vários níveis de percepção sem admissão dos vários níveis de Realidade; reconhecimento dos vários níveis de percepção e dos vários níveis de Realidade sem correlacioná-los e, ainda, o desvio mercantilista. Como caminho, Basarab Nicolescu indica a formulação de uma *deontologia transdisciplinar*, composta: pelo reconhecimento dos direitos do homem interior, complemento dos direitos do homem exterior; pelo reconhecimento da novidade irreduzível da nossa época, sem fazer o novo a partir do já existente; e pelo aspecto *atópico* da transdisciplinaridade, que comporta o local e o global, o holismo e o reducionismo.

A atitude transdisciplinar, assim como a prática e a pesquisa transdisciplinares defendidas por Nicolescu, fundamentam-se em três pilares; o rigor, que é um aprofundamento do rigor científico um vez que leva em consideração a comunicação efetiva entre os seres, valorizando a “*procura do lugar certo em mim e no Outro*”; a abertura, que contempla o constante nascimento-morte do desconhecido, do inesperado e do imprevisível; e a tolerância, que admite a

existência de idéias e verdades de caráter oposicionista à transdisciplinaridade. Nesse ponto o autor introduz a noção de *graus de transdisciplinaridade*, que variam de acordo com a maior ou menor adoção das bases metodológicas. Com isso Nicolescu demonstra que as disciplinas são isentas do caráter transdisciplinar e que, embora a metodologia transdisciplinar não substitua a metodologia de cada disciplina, ela tem a feição de conduzir a descobertas disciplinares.

Num aprofundamento da questão transdisciplinar, o autor aborda a atitude transreligiosa, referindo-se à presença do sagrado como algo capaz de ligar, unir. A falta, anulação ou violação do sagrado gerou, na visão de Nicolescu, o totalitarismo e a sacralização absoluta do homem. O sagrado é, então, o espaço de encontro entre o movimento de ascendência e de descendência da informação e da consciência através dos níveis de Realidade e de percepção. É a origem dos valores humanos, da liberdade e da responsabilidade.

De forma a lançar pontos estruturantes de uma cultura transdisciplinar, Nicolescu designa os quatro pilares de sustentação de um novo tipo de educação, de forma a contribuir para a redução dos conflitos e tensões existentes: 1) *aprender a conhecer* – significa ter o entendimento do espírito científico numa distinção clara do real e do ilusório, com valorização das indagações constantes e da qualidade do procedimento científico como, também, ser capaz de estabelecer correlações entre os diversos saberes e significados; 2) *aprender a fazer* – denota a flexibilidade diante das intensas mudanças ocorridas, na busca por uma maior criatividade no campo profissional de forma a estruturá-lo de acordo com as potencialidades interiores e necessidades externas; 3) *aprender a viver em conjunto* – respeitando a coletividade e as normas que permeiam as relações de forma efetiva por meio da validação da experiência interior de cada ser e do reconhecimento de si mesmo na face do Outro e 4) *aprender a ser* – a dimensão transpessoal é valorizada de modo a descobrir-se a harmonia ou a desarmonia entre nossa vida individual e nossa vida social, em constantes indagações acerca dos nossos condicionamentos, respeitando aquilo que liga o Sujeito e o Objeto.

O autor indaga, então, relacionando os quatro pontos abordados: *como aprender a fazer aprendendo a conhecer, e como aprender a ser aprendendo a viver em conjunto?* E afirma que a educação integral do homem, baseada na trans-relação que serve como ponte aos pilares acima, é algo a ser buscado pelo homem numa verdadeira interação entre corpo, inteligência, sensibilidade, arte, esporte, ciência, aprendizagens transpolítica, transnacional, transreligiosa e transcultural, que terá seu lugar na Universidade renovada a partir de *oficinas transdisciplinares*.

Basarab Nicolescu finaliza o livro reafirmando o caráter testemunhal do seu Manifesto e o aspecto transhumanístico, o qual oferece a possibilidade máxima de desenvolvimento cultural e espiritual. Isso significa ir em busca do que está entre, através e além do ser, o que o autor chama de o *Ser dos seres*. Essa estrutura é, pois, flexível e disponibilizada ao acolhimento da complexidade.